

Memorial Kisimbê: Preservando os saberes e fazeres do Terreiro Mokambo

Hildete Santos Pita Costa¹

Os terreiros de candomblé são ambientes de vida comunitária que além de cumprir sua missão religiosa recriam novas concepções de relação entre os seres humanos e o mundo sobrenatural, desempenham ações de cunho sócio-econômico e cultural de grande valor nas comunidades.

O Memorial Kisimbê se constitui de lembranças, de escrever a própria história, do Terreiro e sua trajetória de vida, tem como objetivo gerar uma reflexão sistemática à luz dos conteúdos teóricos, acerca de sua vivência local e os saberes aí constituídos; irá também possibilitar o acesso a informação a pesquisadores e a toda comunidade interessada na cultura afro-brasileira

Introdução

As tradições são parte do inconsciente coletivo do povo, um bem de valor incalculável que pertence ao povo. São os elos de ligação mais fortes com a nossa história, com os nossos antepassados e têm que ser preservadas. É preciso conhecê-las e assim saber da sua importância. O legado cultural africano constitui um dos aspectos mais significativos nos processos de construção de identidades e de referências na dinâmica e na formação do povo brasileiro

Daí a necessidade de uma política de preservação das heranças culturais produzidas como afirma a professora Siqueira Os terreiros são centros de estudos, de descobertas e aprofundamento e valorização do saber (2002, p.27-29). Logo é também um espaço de aprendizagem, de construção social do conhecimento.

A religião africana chegou ao nosso país na memória dos escravos bantos, jêjes, nagôs, iorubas, que implantaram seus rituais em roças afastadas da cidade. Esses locais tinham uma ou várias casas para a celebração dos cultos as suas divindades e uma área de terra limpa e plana, onde eram realizadas as festas públicas.

Os terreiros de candomblé, locais de permanência da vida cultural de um povo originalmente africano, é um laboratório desse processamento religioso brasileiro a partir, especialmente, da vertente africana com manifestações religiosas que se estendem para vários outros campos, a música, a dança, a culinária, a indumentária, a relação com a natureza, a dimensão

¹ Bibliotecária do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC DEDC I / Campus I – Salvador, Pesquisadora do GEAALC - Grupo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas, coordenado pelas Prof^{as}. Dra. Yeda Pessoa de Castro e a Prof^a. Dra. Rosa Helena Blanco

ecológica, tudo isso o terreiro de candomblé abriga com uma característica muito própria. Que se tornou brasileiro aqui, ao longo da história, através da reprodução das suas matrizes africanas e a partir da interação com outras matrizes, ameríndias e européias. No processo de conjugação dessas culturas, o terreiro de candomblé tem sido importantíssimo. Servem também como lugar de apoio espiritual aos praticantes de diversas religiões. São comunidades de vida em que a visão de mundo africano se mantém presente e viva; em que a reconstrução familiar-clânica continua subsistindo e em que a vida comunitária revela os traços culturais dos africanos. Todos os membros se encontram unidos na mesma fé, protegidos por suas entidades, e subordinados a uma autoridade religiosa e espiritual, na qual uma solidariedade econômica- religiosa fundamenta a co-responsabilidade do trabalho.

As tradições da cultura - afro são transmitidas de geração em geração pela vivência e participação, muitas vezes apenas oralmente. Desta forma, muitas tradições ainda existem por causa de gerações mais velhas. Grande parte da cultura afro-brasileira do país está nas mãos de pessoas com idade superior a sessenta anos, muitas lendas, canções, contos, costumes danças. Portanto, se faz necessário resgatar e registrar esses acervos para que não se percam.

No mundo africano e nas culturas de tradições orais,

(...) o ser humano é visto como uma força, um fenômeno de veneração perpétua da concepção à morte – uma realidade que não pode ser destruída. As tradições orais, como a capoeira de Angola, os contos míticos, as danças fazem parte da nossa herança cultural, mas são pouco abordadas pela sociedade e suas instituições, e em particular pelas escolas. (SANTOS, Tata Anselmo. jan.2005).

A Lei nº 10.639 que introduz o ensino das culturas africanas nas escolas, em Salvador, conta com o apoio de diversos terreiros de candomblé, que devem possuir acervos organizados, pois são detentores de grande conhecimento contribuindo assim na construção e reconstrução da história dos afro-brasileiros e na formação de alunos e educadores

Terreiro Mokambo e sua trajetória

Atualmente, os Terreiros de candomblé são ambientes de vida comunitária do culto afrobrasileiro. Além das atividades caracteristicamente religiosas, desempenham aquelas de cunho sócio-econômico e cultural de grande valor, nas comunidades em que se encontram. Constituem-se como verdadeiros pólos de prestação de serviços à circunvizinhança, o que os identifica como referência local.

Estão situados geralmente nas áreas periféricas da cidade, onde sua população sofre problemas sociais graves, exclusão do direito a cidadania, falta de saneamento básico, de atendimento público médico-hospitalar, bibliotecas, áreas de lazer e assinalada pela alta incidência de desemprego e baixo acesso à educação formal, além de grande exposição a violência.

Os terreiros, através de associações, realizam várias ações sociais para melhoria da qualidade de vida, através de atividades culturais e de assistência social, direito e ainda fornecimento de cestas básicas a famílias carentes. Vários terreiros na cidade de Salvador prestam serviços comunitários além do Terreiro Mokambo (Trobogy) , como o Ilê Axé Opô Afonjá,(São

Gonçalo do Retiro) o Ilê Obá do Cobre,(Federação) e muitos outros. Além de acumular importantes acervos documentais constituídos de conhecimentos e informações tão importantes para a construção e preservação do patrimônio histórico e formação do povo brasileiro.

Há um grande envolvimento dos líderes dos terreiros com a comunidade pois através dessa interação se promove a educação, a prevenção e os cuidados com a saúde e a auto-estima. O Terreiro Mokambo é um templo de culto afro-brasileiro da tradição angola, fundado e dirigido pelo Tata Anselmo José da Gama Santos, que completou sua formação sacerdotal com a venerável Altamira Maria Conceição Souza, a lendária Mãe Mirinha do Portão, que presidia o Terreiro São Jorge Filho da Goméia.

O Terreiro Mokambo é representado pela Associação Beneficente Pena Dourada,além disso a comunidade do terreiro reativou a Associação dos Moradores da Vila Dois de Julho local onde está localizado. O Terreiro é um centro comunitário, transmissor de cultura, que desenvolve ações positivas de promoção social para toda circunvizinhança e se empenha em proteger o seu acervo etnobotânico, onde se coleta espécies vegetais de emprego medicinal e litúrgico e a riqueza hidrológica onde estão localizados os rios Mocambo, Jaguaribe e Trobogy.

A nossa pesquisa tem como finalidade resgatar a história e memória do Terreiro Mokambo através dos seus acervos textuais, orais, audiovisuais e iconográficos, mostrando suas atividades culturais, sociais (estudos projetos, programas cursos desenvolvidos em parceria com diversas instituições) que promovem e trazem melhoria de vida para as comunidades do entorno, além de manter viva a memória de seus bens patrimoniais, principalmente da África-Subsariana, promovendo a sua preservação.

Um pouco da história e cultura banto

O regime escravocrata, ao longo de mais de 300 anos, trouxe para o Brasil diversos grupos étnicos, oriundos, principalmente, da costa ocidental da África. Os primeiros negros escravizados foram trazidos do Senegal e de Serra Leoa, que formam a região então conhecida por Guiné Portuguesa, diretamente para os canaviais de Pernambuco e da Bahia.

A esses negros fulas e mandingas vieram se juntar aos negros bantos que, no século XVI, chegaram ao Nordeste do Brasil em levadas crescentes, para viabilizar a introdução e a exploração da cana de açúcar e da criação de gado na colônia. No século XVII, Angola e Congo já eram as principais regiões fornecedoras de escravos para o Brasil

Segundo Pessoa de Castro (2005),a palavra banto significa "os homens" e designa todo um grupo lingüístico que ocupa vários territórios na África Central, Oriental e Meridional, composto por várias línguas e etnias que, atualmente espalham-se por países como Angola, Namíbia, República Popular e Democrática do Congo, Zâmbia, Uganda, Quênia, Moçambique e África do Sul.

Embarcados na ilha de São Tomé, vieram para o Brasil escravos originários das regiões de Cabinda, antigo reino do Congo, do norte de Luanda, da costa sul, e do interior de Angola e

do atual Moçambique. Por essa razão ficaram popularmente conhecidos como negros congos e angolas. Os homens e mulheres bantos foram deixando sua marca no fazer e no falar e no ser brasileiro.

As línguas do povo banto foram as mais importantes devido à antiguidade e superioridade numérica de seus falantes e sua dimensão alcançada no Brasil Colonial. Atualmente as principais fontes de informação sobre as línguas africanas, que foram faladas no Brasil até o século XIX, são os terreiros de candomblé e outras variantes dos cultos afros - brasileiros.

O termo Candomblé vem da palavra banto kandómbilé ou kandombelé que, segundo Pessoa de Castro, (2005) significa rezar. Conforme a fala da Macota Valdina do Terreiro Tanuri Junsara, de Nação Angola, o Candomblé é um conjunto de crenças, ritos, práticas recriadas e reorganizadas, onde predominam traços culturais de negros trazidos, sobretudo, de regiões africanas que nos séculos XV e XVII integravam o reino do Congo, considerado do grupo Banto, em função do seu grupo lingüístico.

Na língua ritual do Candomblé de Nação Angola predominam matrizes lexicais do Quicongo e Quimbundo contidas nas rezas, nas cantigas dos Nkisi.

Na hierarquia do Candomblé de Angola existe um deus criador de tudo, que é Zambi. Ele criou os Nkisi: Unjira, que domina os caminhos; Nkosi, que domina os metais; Katende dono do segredo das folhas; Mutalambo, que domina o mundo animal das florestas, Gomgobira, que tem domínio das matas; Zazi, que domina os céus e os astros; Angoro, responsável pelo círculo da água; Kavungo, que tem domínio das doenças epidêmicas e atua na sorte; o Tempo, que tem o domínio do vento; Bamburucema, domina os ventos a tempestade e os mortos; Dandalunda, domínio das águas doces; Mameto Zumbá, que domina a vida que brota dos manguezais, dos pântanos, da lama; Lembá é o Nkisi da paz; e os Vunji, equivalente aos Erés (nação ketu). Além do culto aos Nkisi trazidos da África, a nação Angola cultua também os Caboclos.

A comunidade de um Terreiro Angola é organizada e funciona seguindo uma hierarquia. O nível mais alto é o Tata dya Nkisi, equivalente a Babalorixá na nação ketu ou Nengua dya Nkisi, equivalente a lalorixá, também na nação ketu. Depois o Tata ou Mameto Kamukenge, Pai Pequeno e os assessores que são Táta (Ogãs na nação ketu) e Makota (Ekede na nação ketu), e os Muzenza, que são os iniciados

A etnografia brasileira privilegiou os nagôs e os jejes, o que contribui para um número relativamente pequeno de pesquisas sobre os candomblés da nação angola e um certo preconceito, em relação a esses terreiros. Atualmente, os estudiosos estão reconhecendo a tradição religiosa banto que, a partir do século XVI, foi responsável pela produção de uma grande variedades de cultos existentes no Brasil. Edison Carneiro (1991) sugere que as contribuições dos Bantos para a cultura baiana foram bastante significativas:

(...) introduziram os cucumbis (os autos do Congo)
As festas do Imperador Divino, o louvor a São Bene
dito a capoeira de angola , o batuque ,os autos.

As festas populares comuns a todo Recôncavo.
E mesmo na zona litorânea do estado a influencia se estendeu na própria religião até então monopólio dos negros jeje- nagô criando os atuais candomblés de caboclo, tão ricos de sugestões para os estudiosos da etnografia religiosa brasileira. (CARNEIRO 1991, pag129)

Para aqueles que julgam que os Bantos não tinham cultura própria vejamos algumas descrições feitas por José Redinha no livro Etnias e Cultura de Angola (1975):

Os luangos constituíram um tempo corporações de ferreiros.
Os limbundo mostravam espírito institucionalista, em particular na criação de associações mutualistas, a par de outras recreativas beneficentes.
Em Malange, os Ngolas e os Jingas manifestam talento musical, particularmente expresso em xilofones curvos.
Os Libolo e Quibala, a arte de mumificação de cadáveres.
Os Lunda-quioco, na extração e comercialização de borracha, onde procediam a apanha, cozedura e martelagem
Os Luanda expressam, o seu profundo gosto pelos artigos carnavalescos, urna ancestral propensão para espetáculos folclóricos, mascarados e aparatosos e foram antigos devotos de um culto a Quianda (a sereia).
Os Quiocos mantiveram admiráveis escolas de cultura.
Os Benguelas foram notáveis fundidores de ferro e praticam até hoje admirável cerâmica.
Estas são algumas das centenas de etnias que constituem o povo Banto e sua vastíssima cultura.

Sensível a esta situação, a pesquisa tem como finalidade buscar meios, idéias, técnicas que auxiliem na construção e reconstrução da história dos afrobrasileiros, para fomentar o desenvolvimento de novos estudos e pesquisas que ampliem o entendimento sobre as relações raciais. Ao direcionar os conhecimentos da área de informação, documentação e patrimônio cultural, em favor da comunidade afro-brasileira, mostrar-se-á a necessidade que as informações e dados precisam ser tratados, organizados, preservados e disseminados para a construção e reconstrução dessa história e para fomentar o desenvolvimento de novos estudos e pesquisas, que ampliem o entendimento sobre as relações raciais.

O Programa Cultura Afro-brasileira tenciona ocupar uma lacuna histórica que existe no reconhecimento às origens étnicas do povo brasileiro, com relação à contribuição do afro-descendente no processo econômico, político e sociocultural do país

O povo brasileiro tem em sua formação étnica a contribuição valorosa da cultura africana que conseguiu apesar das adversidades a reconstrução da história afrobrasileira.

Conclusão

A proposta de implementação do Memorial Kisimbê é de grande importância para o Terreiro Mokambo já que a pesquisa elaborada demonstra que a preservação da memória a criação de atividades educacionais, patrimoniais e a disseminação do conhecimento é de suma importância, (Adolfo, Sergio Paulo) fala que os angoleiros devem buscar e firmar uma

identidade própria, caso contrário será engolida pelas outras nações do candomblé no Brasil. O desaparecimento da nação (bantu) rerepresentará uma perda inestimável para a cultura brasileira já tão ameaçada nesses tempos de pós-modernidade.

Referências

ADOLFO, Sérgio Paulo Candomblé Bantu na Pós-Modernidade. In Anais do I GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades 7 e 10 de maio de 2007.

BRASIL. REGISTRO DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL QUE CONSTITUEM PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO, CRIA O PROGRAMA NACIONAL DO PATRIMÔNIO IMATERIAL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS Decreto nº 3.551, de 4. outubro. 2000.

CARNEIRO, Edson. Religiões Negras: Notas de Etnografia Religiosa / Negros Bantos: Notas de Etnografia Religiosa e de Folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro. , 2ªed. Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro: Topbooks,2005

REDINHA, José. Etnias e culturas de Angola. Luanda: Banco de Angola1975.

SIQUEIRA, Maria de Lurdes. Terreiros e Reparação In: Palmares em Ação Fundação Cultural Palmares ano 1. nº1. Agosto/ Setembro p.27-29. 2002.

SANTOS, Tata Anselmo José da Gama Terreiro Mokambo: Onzo Nguzo Za Nkisi Dandalunda ye Tempo. Salvador, jan.2005.